
Dar um rosto mariano

“A forma como as mulheres vivem o carisma marista nos convida todos a integrar os elementos marianos, como a tenacidade, a resistência, o carinho maternal, a ternura, a atenção aos detalhes e a intuição em nossa experiência cotidiana.”

(Em torno da mesma mesa.25)

Maureen Hagan

Diretora do Conselho de Leigos Maristas
Província United States of America



Meu caminho marista começou a sério quando servi, como Ministra do Campus na Roselle Catholic High School, em New Jersey, de 2001 a 2016. Depois disso, tornei-me diretora da formação de adultos da província dos Estados Unidos. Durante este tempo, o movimento, para o reconhecimento e a formalização da vocação laical, começou a tomar forma. Fui nomeada, pelo nosso provincial, para trabalhar em vários comitês. = Um, para organizar a primeira assembleia de leigos nos Estados Unidos, que teve lugar em 2018; depois, o comité diretor para organizar as prioridades da assembleia.

Este percurso reflete não só a minha experiência profissional, mas também o meu percurso espiritual de reconhecimento da minha própria vocação, do meu próprio chamamento ao carisma de Marcelino, tal como é vivido pelos Maristas de Champagnat. Nesses vários cargos, fui chamada à liderança. Para mim, isso significou trabalhar para trazer o rosto mariano ao nosso trabalho, e ajudar os outros a fazerem o mesmo. Não apenas falar sobre esse aspeto, mas torná-lo real.

A liderança profética, para dar vida a este rosto mariano, é fundamental no nosso mundo atual. O mundo onde a competição, as estruturas hierárquicas, o julgamento, a exclusão, a ganância e a corrida ao poder sobre as pessoas causaram tantos danos à nossa sociedade e ao nosso planeta.

O modelo de Maria apela à compaixão, em vez de à competição. Exige mentes abertas, corações abertos e braços abertos. Apela a um amor que traz para dentro, não que fecha para fora. Tudo, qualidades que são necessárias no nosso mundo atual.

Rezamos na Salve Rainha, “*mãe de misericórdia*”, e a chamamos de “*a nossa vida, a nossa doçura*”

e a nossa esperança”. Esta misericórdia abrange tudo, é um amor que inclui tudo. Um amor que vê e escuta, um amor que é capaz de se colocar no lugar do outro e, assim, agir com compaixão e empatia. E atuar, - esperemos, - com soluções reais.

Penso na “doçura” como “bondade”. Não preciso ser melhor do que os outros, preciso ser gentil. Não preciso me impulsionar para a frente pisando os outros. Preciso ser amável... e útil. E nesses gestos, talvez, eu dê esperança. Os jovens que se sentem atraídos pelo nosso carisma, apesar de se sentirem abandonados pela sua Igreja, respondem a esta bondade e aceitação inclusivas. Eles têm esperança numa melhor forma de ser Igreja.

No meu tempo de Ministra do Campus, tive o privilégio de trabalhar com muitas pessoas que estavam a servir os marginalizados. Durante vários anos, realizamos uma experiência de imersão, com os sem-abrigo, para os nossos alunos. Numa dessas ocasiões, dormi no meu carro toda a noite, para vigiar os alunos que dormiam no campo, atrás da escola. Lembrei-me de uma jovem que tinha conhecido e que tinha vivido no seu carro durante três meses, com os seus dois filhos pequenos. Os meus pensamentos estiveram com ela toda a noite... imaginando-a a tentar manter os seus filhos em segurança e a ajudá-los a se sentirem seguros, apesar das circunstâncias. Que ansiedade!

Além disso, durante este tempo, como Ministra do Campus, passei todas as férias da Páscoa em Wheeling, na Virgínia Ocidental, levando os estudantes a trabalhar na restauração de casas que tinham sido danificadas pelas inundações. O trabalho era muitas vezes fastidioso e cansativo, mas os alunos serviam com energia e boa disposição. Inspiraram-me diariamente - na sua ética de trabalho, no estabelecimento de relações com aqueles a quem servimos, nas suas reflexões,



todas as noites, enquanto analisávamos o dia. Estes jovens eram os líderes servidores, dedicados à missão de tornar Jesus conhecido e amado, através do seu trabalho e das suas relações.

Eles também modelaram a compaixão, a generosidade e a inclusão de Maria. Não nos limitámos a servir para “salvar” pessoas. Tornamo-nos parte da comunidade e partilhamos a vida, durante as refeições, nas conversas, enquanto trabalhávamos e na oração. Fomos educados para a vida nos Apalaches, uma das áreas mais pobres do nosso país, e chegamos a compreender algumas das realidades da vida, na pobreza.

Sinto-me continuamente inspirada pelos irmãos da nossa província, especialmente os mais velhos, que continuam a trabalhar até aos 80 e mesmo 90 anos. A sua dedicação à missão obriga-me a continuar a dar o meu melhor no meu trabalho. Mesmo os irmãos, que não podem mais trabalhar, continuam a apoiar tudo o que acontece em nossa província, com suas orações e seu interesse contínuo pelo desenvolvimento dos maristas de Champagnat.

Eles participam dos nossos encontros no Zoom, e fazem suas próprias experiências de oração que eles partilham também no Zoom.

Uma lembrança, particularmente, permanece comigo, até hoje. Eu estava sentada num belo lugar da casa de retiros dos Irmãos Maristas, em Nova Iorque, com um dos irmãos mais velhos. Falávamos de como éramos abençoados por estarmos ali... e rezávamos juntos a Salve Rainha. E usamos a última frase... *“para que sejamos dignos das promessas de Cristo”*.

Para mim, liderança profética é não só ser digno de, mas também SER a promessa de Cristo, continuar a dar vida ao Reino, fazer nascer uma nova forma de ser Igreja no NOSSO tempo. E rezo para que as minhas ações mostrem isso àqueles com quem sirvo.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it